

ID: 116676242

01-01-2025

FLORESTA

# Portugal tem posição privilegiada para liderar na bioeconomia dizem os especialistas

Por Leonor Pipa

Na conferência “Vamos discutir a Floresta?”, organizada a 20 de março, pela The Navigator Company, em parceria com o Expresso, questões como o desconhecimento do papel da floresta, as perceções sobre os recursos naturais, a falta de uma visão consistente e os novos produtos bioflorestais estiveram em discussão.



As florestas em Portugal assumem-se como um dos principais recursos naturais do país, com uma presença constante ao longo do território. Entre atividades económicas e impacto ambiental, a sua influência é enorme e, por isso, alimenta tanta discussão à volta da forma como deve ser aproveitada e gerida, para impedir que seja só material para notícias sobre incêndios, mas também um ativo que beneficie as populações, as atividades produtivas e a biodiversidade.

Este foi um dos temas em debate na conferência “**Vamos discutir a Floresta**”, organizada pela The Navigator Company, em parceria com o Expresso, no dia 20 de março, no Edifício Impresa, em Paço de Arcos, e que contou com a presença de decisores políticos, líderes empresariais, investigadores e especialistas. Durante uma manhã foi possível debater os desafios e oportunidades da floresta

portuguesa, com destaque para a sua gestão sustentável, inovação e contributo para a bioeconomia, conhecer os resultados do estudo **«Para além das perceções sobre a Floresta e o Eucalipto»**, realizado pelo ISCTE, e ainda olhar para o futuro.

António Redondo, CEO da The Navigator Company, abriu o debate, afirmando que a floresta é um ativo estratégico único do nosso país que **«deve estar acima dos interesses políticos e ideológicos»**. Na opinião de António Redondo, precisamos de **«um modelo de desenvolvimento que não sacrifique o amanhã por causa de opções ideológicas»**, sobretudo quando **«continuamos a importar matérias-primas que poderíamos produzir cá»**. Segundo o responsável, **«as florestas plantadas são essenciais para as florestas naturais»** e **«se não formos bem-sucedidos, comprometemos não apenas a realidade da nossa floresta**



ANTÓNIO REDONDO,  
CEO DA THE NAVIGATOR COMPANY.

ID: 116676242

01-01-2025



e os setores industriais que lhes estão associados, como também a nossa capacidade de assumir os compromissos em matéria de desarboreção e alterações climáticas, arriscando consequências económicas, ambientais e sociais que o país não pode pagar». E defendeu que «Portugal está numa posição privilegiada para assumir um lugar de liderança na bioeconomia de base florestal», sublinhando que «o futuro da nossa floresta não está escrito, está nas nossas mãos».

### O QUE SABEM OS PORTUGUESES SOBRE AS FLORESTAS PLANTADAS?

A The Navigator Company quis perceber as convicções que os portugueses têm sobre o eucalipto. Foi com esse objetivo que realizou o estudo «Para além das perceções sobre a Floresta e o Eucalipto», que ouviu mais de 600 pessoas e que foi apresentado por Pedro Dionísio, professor do ISCTE, no evento. Quase um terço (31,8%) dos participantes do estudo afirmou ser proprietário de terrenos florestais ou ter familiares que o são – um valor que expressa uma forte relação dos portugueses com a floresta. Dentro deste grupo, mais de metade (54%) tem áreas de eucalipto. No entanto, em muitas das questões abordadas no estudo, a proximidade com a floresta

não se traduz em conhecimento, salientou o professor, referindo que «o papel do eucalipto na fixação de dióxido de carbono é um aspeto que está longe de ser do conhecimento geral». A afirmação «o eucalipto é uma das árvores que capta mais dióxido de carbono e liberta mais oxigénio por área plantada» revelou-se estranha para muitos – 46% dos inquiridos não sabem/não respondem.

De igual forma, a contribuição do eucalipto para **combater a erosão dos solos** também provocou desconhecimento, com 46% dos inquiridos a concordar com a crença de que esta espécie provoca o esgotamento dos solos por consumir mais nutrientes, enquanto 34,1% não sabem/não respondem. A maior parte dos inquiridos (72,3%) concorda com a ideia de que a **gestão florestal é benéfica**, independentemente da espécie plantada. 69% considera que a maioria da floresta em Portugal está abandonada e só 5% defende que a maior parte das áreas florestais está bem gerida. A questão da relação entre gestão florestal e incêndios reúne consenso: a maioria dos participantes (75,8%) concorda com a ideia de que «as florestas

**bem geridas têm menos risco de incêndio»**, disse Pedro Dionísio. Quanto à certificação da floresta, existe um elevado grau de desconhecimento. À questão «**Tem noção do que é uma floresta certificada**», 51% dos respondentes indicam não ter noção e 27% não sabem/não respondem.

Os inquiridos do estudo mostraram-se favoráveis à adoção, em Portugal, de um «**pacto de regime**» ou «**acordo de longo prazo**» entre as principais forças políticas para o desenvolvimento de uma política florestal que não limite a plantação de nenhuma espécie: 61% concordaram que essa medida é necessária, desde que as regras ambientais e de uso do solo em vigor sejam respeitadas e essas plantações bem geridas.

O professor do ISCTE revelou que, de um modo geral, «**foi consensual a ideia da urgência de uma política, ou de um acordo de longo prazo, para conseguir criar valor para o setor. A floresta está abandonada porque não é rentável e não é rentável porque está abandonada. Há uma clara unanimidade na necessidade de quebrar este ciclo**».

ID: 116676242

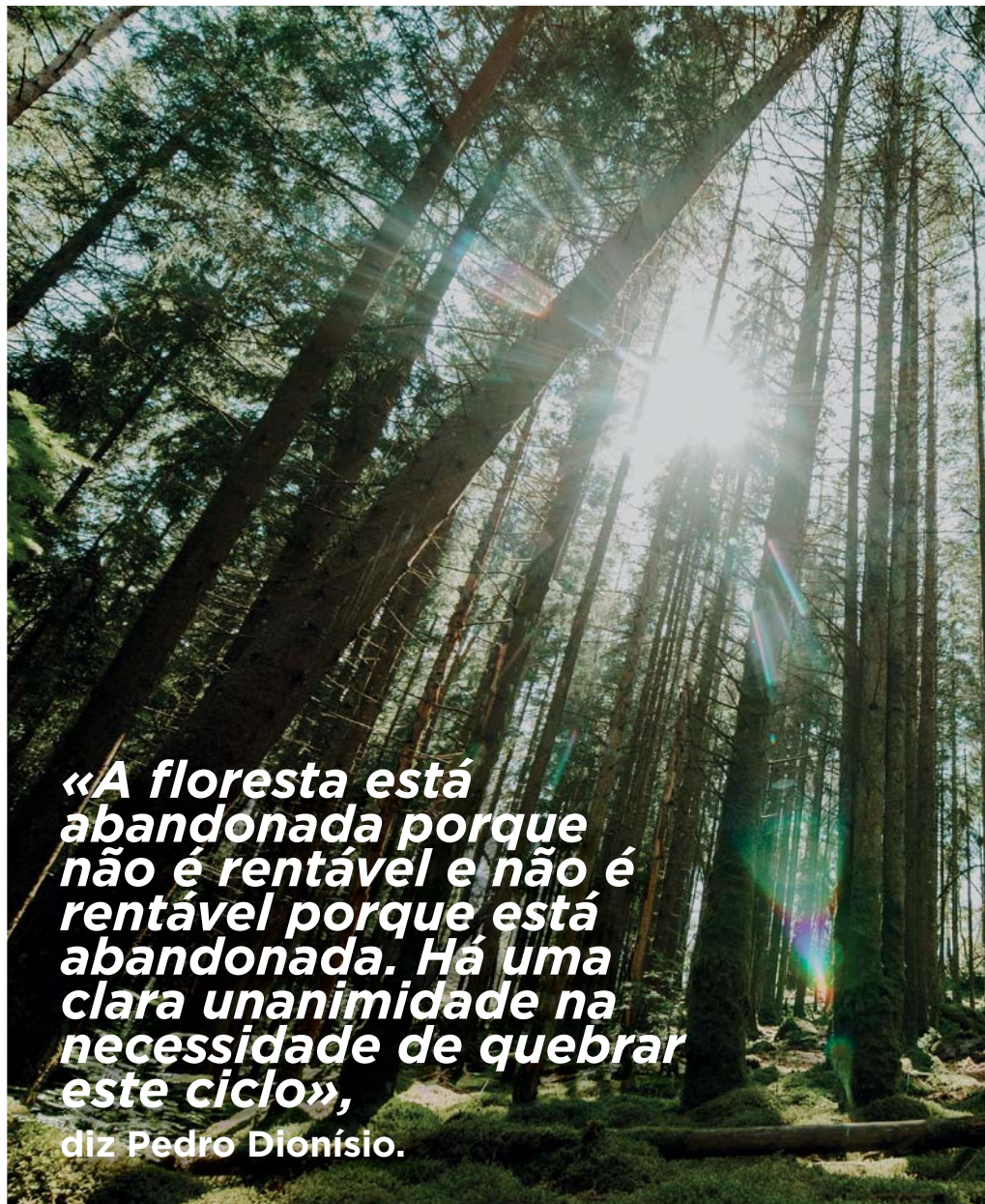
01-01-2025



JOSÉ MANUEL FERNANDES,  
MINISTRO DA AGRICULTURA E PESCAS.

### FLORESTAS PLANTADAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Todos os intervenientes do primeiro painel da conferência sobre florestas plantadas concordaram que o debate sobre a floresta é frequentemente marcado por perceções que nem sempre correspondem à realidade. **«As pessoas, de um modo geral, têm noção de que as florestas são benéficas, trazem uma série de benefícios para o ecossistema, têm benefícios económicos e ajudam a ter atividade no país»**, começou por referir Teresa Soares David, investigadora em engenharia florestal no Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa (ISA-UL). Para a investigadora, que não ficou surpreendida com os resultados do estudo apresentados, **«sempre tive a noção de que as pessoas, no geral, têm mais bom senso do que as notícias que são transmitidas na comunicação social»**. Portanto, o problema está onde? **«Não podemos esquecer a questão da literacia. Há muito desconhecimento do papel das florestas, a começar pelas pessoas mais novas»**, alertou, chamando a atenção para o papel importante dos professores nesta matéria e para a necessidade de rever os manuais escolares. Teresa Soares David defendeu ainda que, com adequado ordenamento, com diversificação da paisagem e com práticas de gestão adequadas, **«as florestas plantadas podem prestar serviços ambientais essenciais»**, além de garantirem a produção renovável de biomassa para inúmeras indústrias.



**«A floresta está abandonada porque não é rentável e não é rentável porque está abandonada. Há uma clara unanimidade na necessidade de quebrar este ciclo», diz Pedro Dionísio.**

Quando se discute que **«o mundo precisa urgentemente de reduzir a dependência dos recursos fósseis e de avançar para paradigmas mais circulares, as florestas plantadas oferecem soluções concretas»**, explicou a investigadora, referindo que **«não só garantem matérias-primas renováveis para substituir produtos de base fóssil, como também ajudam a aliviar a pressão sobre as florestas naturais, permitindo que estas sejam geridas exclusivamente para conservação»**.

No entanto, para a professora do Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), Maria José Roxo, **«existe uma necessidade urgente de adotar um modelo económico sustentável que**

**equilibre o valor económico com a preservação ambiental, garantindo um futuro mais harmonioso para a floresta portuguesa»**. Maria José Roxo defendeu que **«há que ter em conta as características do território, o que não tem sido uma prática. A sua diversidade tem de ser considerada»**, assim como mais **«vontade política, combate à inércia e dar mais voz a quem conhece os problemas reais da floresta»**. Sem esquecer a necessidade de haver **«uma estratégia para o futuro, mas com visão, onde o território é a base!»**.

Para Francisco Gomes da Silva, diretor-geral da AGROGES e professor no ISA-UL, que também participou no primeiro painel, parece claro que **«a evolução da floresta portuguesa dependerá das escolhas que**

ID: 116676242

01-01-2025



**fizemos nos próximos anos”.** Sobretudo porque **“há desafios estruturais que precisam de ser enfrentados com coragem, desde o abandono das áreas florestais até à necessidade de políticas públicas mais equilibradas, que valorizem a produção sustentável e a preservação ambiental”**, e que intensifiquem os níveis de gestão de parte significativa das áreas da floresta do nosso país. Na sua perspetiva, **“a floresta será também um elemento-chave na transição climática e na bioeconomia”**, porque o **«setor tem capacidade para contribuir para a substituição de materiais de origem fóssil, desenvolver produtos inovadores e reforçar a economia circular»**.

Mas de que novos bioprodutos estamos a falar? Helena Pereira, professora no ISA-UL, destacou **«os materiais de embalagem**

**biodegradáveis, que em breve serão uma realidade nos supermercados, substituindo plásticos de uso único»**, ao passo que **«as folhas e cascas dão-nos bioquímicos ativos para a cosmética e a saúde, e também para a indústria têxtil»** e **«os biocombustíveis avançados integram as biorrefinarias com base no eucalipto e são hoje já parte da sua bioeconomia»**. Um campo onde **«Portugal pode estar na linha da frente desta bioeconomia, combinando conhecimento e know-how industrial com o potencial da floresta de produção»**, defendeu.

Ainda de acordo com Helena Pereira, a aposta em bioprodutos abre novos caminhos para a floresta nacional, promovendo uma economia mais circular e sustentável, ao mesmo tempo que gera valor e competitividade para o país.

#### UM OLHAR PARA O FUTURO

Somos um **“país muito rico em energia”**, lembrou Nuno Rodrigues, diretor de Energia e Transição Energética da The Navigator Company, no segundo painel da conferência, referindo-se ao facto de que não pode ser sempre a [área] mais óbvia. Bioprodutos com base em recursos florestais têm aplicações que vão desde a indústria energética à têxtil, exemplificou. Nuno Rodrigues falou ainda do CO<sub>2</sub> biogénico, que se destaca como um elemento central na economia circular, já que visa reduzir o desperdício e maximizar a reutilização de recursos. **«Ao fazer parte do ciclo natural de carbono, permite a reintegração dos resíduos orgânicos no processo produtivo, minimizando os impactos ambientais»**, destacou.

Já Carlos Pascoal Neto, diretor-geral do RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e do Papel, defendeu que **«temos que passar de uma economia linear fóssil para uma bioeconomia circular com base em produtos renováveis»**.

Na opinião do responsável do RAIZ, há todo um conjunto de aproveitamentos para o material florestal. Novas embalagens, biocombustíveis, cosméticos, produtos de higiene e cuidados pessoais, nutracêuticos e aditivos alimentares são alguns exemplos de subprodutos. **«Nos projetos do RAIZ encontram-se em fase de comercialização ou pré-**



**comercialização materiais para o mercado da higiene e saúde, como os produtos “tissue” com aditivos - perfumes, suavizantes ou antibacterianos»**, contou, enumerando as múltiplas aplicabilidades. Porque como referiu Elvira Fortunato, professora do DCM - Departamento de Ciência dos Materiais FCT NOVA e investigadora do Cenimat da NOVA FCT, **«não temos petróleo, mas temos floresta»**.

Do lado da construção, Jorge Matias, diretor na Carmo Wood (em representação da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal), enfatizou o papel da madeira na construção sustentável. **«Há muitas pessoas que não sabem, mas o comportamento da madeira é mais previsível do que o de outras estruturas»**, revelou, ao falar dos mitos que ainda existem em torno da matéria-prima, tais como o preço elevado, instabilidade, ou seja, **«a resistência mecânica do material em si»**. Já Raquel Almeida, diretora industrial da Caima, da ALTRI, reafirmou que o Grupo continua a desenvolver vários projetos de diversificação e crescimento alinhados com o seu plano estratégico, onde se insere a valorização do ácido acético e furfural de base renovável na Caima - com previsão de arranque no primeiro trimestre de 2026. No final, José Manuel Fernandes, ministro da Agricultura e Pescas, encerrou o evento, enfatizando a **«visão de uma floresta que tem de criar riqueza e coesão territorial»**, sem esquecer o **«papel importantíssimo que a indústria do papel tem na investigação, na promoção da biodiversidade e no combate às alterações climáticas»**. DP